

## **Ao cair da noite: Uma etnografia com ambulantes noturnas em Belém do Pará**

Yasmim Costa Rosalino  
Luísa Maria Silva Dantas  
Universidade Federal do Pará

### **Resumo**

O trabalho das ambulantes é muito presente no cotidiano urbano no Brasil, especialmente em Belém/PA. Historicamente, essa atividade remonta à chegada da família real em 1808, quando era majoritariamente realizada por mulheres negras escravizadas. Ao longo do tempo, o comércio ambulante se adaptou às demandas dos consumidores, refletindo dinâmicas sociais e econômicas das cidades. Este estudo foca em trabalhadoras e trabalhadores ambulantes do Samba Batuque da Feira do Açaí, um evento cultural que se fortaleceu após a pandemia da COVID-19, destacando a organização e resistência dos ambulantes, especialmente das mulheres. Observações etnográficas revelam interações complexas entre ambulantes, músicos, frequentadores e outros, oferecendo uma visão das relações sociais e econômicas no evento. A pesquisa examina especificamente as vendedoras de bebidas, explorando os vínculos criados durante as festas e a rua como espaço de trabalho dessas mulheres.

**Palavras-chave:** : Ambulantes; Mulheres; Trabalho; Festas Populares;

### **Introdução**

A atividade das trabalhadoras e trabalhadores ambulantes faz parte do nosso cotidiano quando falamos sobre Brasil, ou quando falamos de forma mais regional, de Belém/PA. Segundo o Projeto Brasileira Iconografia [s.d.], essa atividade foi intensificada no Brasil com a chegada da família real, em 1808. Era um trabalho praticado principalmente por negros escravizados, em sua maioria mulheres, que ofereciam produtos, como: doces, milho, ou até mesmo serviços de sapateiros, pedreiros, etc (Brasileira Iconográfica, s.d.). Com o passar dos anos, essa ocupação foi se adaptando às necessidades e gostos das consumidoras e consumidores. Além disso, ela nos oferece uma visão sobre as dinâmicas sociais e econômicas nas cidades, no caso do recorte de nossa pesquisa, especialmente de um segmento da vida noturna, refletindo como trabalhadoras e trabalhadores atuam e resistem em seu ambiente de trabalho, ou seja, as ruas da cidade. Para a execução deste projeto, a Feira do Açaí, especificamente o Samba Batuque realizado na Feira, foi selecionado como evento e

ponto de observação. Isso possibilitou observar o trabalho das mulheres que atuam como ambulantes durante o samba.

A Feira do Açaí é um local de intensa atividade laboral, especialmente durante a noite e a madrugada. Situada próximo ao rio, ela faz parte do complexo do Ver-o-Peso, onde barcos descarregam açaí. Dentro deste cenário vibrante, emergiu uma ocupação cultural significativa, que ganhou força após a pandemia da COVID-19: o Samba Batuque da Feira do Açaí.

Essa manifestação cultural se fortaleceu através da união entre as e os trabalhadores ambulantes e o grupo musical Fé no Batuque, resultando na criação do Samba Batuque da Feira do Açaí. Além de enriquecer o panorama cultural local, essa união fortaleceu a comunidade de ambulantes ali presentes, caracterizada por uma organização peculiar; eles cercam a banda como uma barreira estratégica para manter a exclusividade do espaço. Apenas as e os ambulantes que estão presentes desde o início ou que recebem permissão das ambulantes estabelecidas podem vender seus produtos no samba, preservando a hegemonia dos primeiros trabalhadores. Importante destacar que o grupo dos ambulantes é composto por muitas mulheres, adicionando uma dimensão peculiar à dinâmica social e cultural do evento. É através da visão de trabalhadoras ambulantes noturnas que este trabalho foi construído.

O Samba batuque da feira do açaí ocorre toda primeira sexta-feira do mês, e ao caminharmos pela feira do açaí nessas noites de sexta-feira, é possível observarmos uma miríade de elementos: espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas que o caminhante experimenta em sua itinerância, sensações já mencionadas por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha em "Etnografia de Rua" (2003). Com olhar atento, podemos perceber as interações entre ambulantes e cantores, que revelam nuances de poder e amizade. Além disso, surgem outras relações menos evidentes, como a proximidade entre ambulantes e pessoas em situação de rua, que dialogam em diversos momentos antes e depois do evento, revelando camadas profundas dessa dinâmica social. Este estudo foi realizado com ênfase no comércio ambulante de vendedoras de bebidas. Ao longo deste artigo serão abordados aspectos relacionados aos vínculos estabelecidos antes, durante e posteriormente ao momento do samba, as experiências das mulheres nas festas e a rua como seu espaço de trabalho.

## **Método**

O objetivo desta etnografia é compreender as vivências de trabalhadoras ambulantes noturnas na cidade de Belém/PA, pretendendo investigar os motivos de suas escolhas, bem como as perspectivas e entendimentos em torno de suas práticas. Sua construção foi realizada através de uma pesquisa qualitativa de cunho antropológico. Inicialmente, idealizou-se um

trabalho de campo que incluía observação direta das trabalhadoras ambulantes, interação e, se possível, observação participante. Foram realizadas visitas ao campo, conversas informais e entrevistas semiestruturadas com as participantes da pesquisa durante o período entre novembro e dezembro de 2023 e março, abril, maio e junho de 2024.

No decorrer da pesquisa foi necessário adaptar-me às novas situações que surgiram em campo, como a impossibilidade de realizar entrevistas presenciais às minhas duas interlocutoras, por conta das suas rotinas atarefadas. No entanto, aproveitei os recursos da era digital e, com o auxílio do *WhatsApp*, mantive contato com ambas as trabalhadoras, por meio de conversas de texto e áudio. Além das conversas, fui incluída na vida virtual delas, o que me proporcionou uma nova perspectiva sobre como abordar temas emergentes em encontros posteriores. Além disso, frequentei regularmente o principal local de trabalho delas, o Samba Batuque da Feira do Açaí, onde observei e conversei informalmente, acompanhando suas jornadas de trabalho à certa distância.

Além disso, tive a oportunidade de participar de uma entrevista presencialmente, onde também fizemos diversas captações de audiovisual, acompanhada por minha orientadora e mais duas colegas do grupo de pesquisa. Embora a entrevista fosse destinada ao projeto coletivo, os temas abordados eram semelhantes aos objetivados em meu plano de trabalho, permitindo que eu aproveitasse e filtrasse as questões mais relevantes para minha pesquisa.

### **Primeiros contatos**

Cheguei na feira, na verdade, na praça Dom Pedro II primeiro. Descemos do ônibus na praça e caminhamos até o local, então visualize comigo esse trajeto, uma noite de calor típica belenense, é um caminho meio noturno apesar da festa já estar começando, e os trabalhadores da feira do açaí estarem circulando. A primeira coisa que senti foi o cheiro de pitiú<sup>1</sup> vindo do rio e dos barcos, logo mais à frente estava rolando uma abordagem policial em um carro com alguns homens negros dentro, não consegui saber do que se tratava, mas a vida continuava ao redor desse acontecimento, os vendedores carregavam sacas de pupunha e coco, além do açaí (Yasmim Rosalino, 2024).

O campo e a pesquisa me levaram às primeiras noites de sexta-feira de cada mês na feira do açaí, onde, bem na beira do rio, desembarcam as sacas de açaí e onde também ocorre uma festa cultural: o Samba Batuque da Feira do Açaí. Comecei com um relato meu, tirado diretamente do meu diário de campo em uma das minhas muitas idas ao samba. E aqui eu apresento minhas duas interlocutoras principais do trabalho, que aqui chamarei de Carla e Vanessa (nomes fictícios). Foi nesse dia do relato que encontrei minhas duas principais

---

<sup>1</sup>Pitiú: odor forte, semelhante ao de peixe; cheiro de maresia.

interlocutoras. Ambas estavam sozinhas em seus respectivos carrinhos quando cheguei para conversar.

Anteriormente, eu não havia notado a presença significativa de mulheres trabalhando como ambulantes vendendo cerveja nas noites de samba. Em uma dessas noites, decidi observar mais atentamente e contei o número de mulheres atuando: dos 10 ambulantes que compunham o grupo, 7 eram mulheres à frente dos carrinhos de bebidas. Não contabilizei todas as pessoas presentes nos carrinhos, pois, em geral, os vendedores costumam ter mais de uma pessoa ajudando. Vanessa e Carla, por exemplo, estavam ali trabalhando para outras pessoas, ou seja, os carrinhos de bebidas não eram delas. Vanessa, a mais velha das duas, ocupava um carrinho menor e mais próximo da entrada. Em uma conversa posterior pelo *WhatsApp*, ela mencionou que é técnica em enfermagem e que estava em busca de um emprego na sua área. O trabalho de ambulante era, segundo ela, "um bico" que fazia junto com sua amiga. Carla, a mais jovem, ainda cursa o Ensino Médio e trabalha para custear suas despesas diárias. Assim como Vanessa, ela também faz curso técnico de enfermagem e planeja trabalhar na área no futuro.

O que eu não sabia na hora era que as duas se conheciam bem e passavam bastante tempo juntas, inclusive nos momentos de lazer. Descobri isso por meio de suas postagens nos status do *WhatsApp*, às quais tive acesso após ser adicionada aos contatos de uma delas. Essa situação me fez lembrar a reflexão de Cláudia Pereira Ferraz, que em seu artigo *A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line* (2019), onde argumenta que a etnografia nas redes sociais não corrompe a Antropologia, mas reatualiza seus fundamentos ao possibilitar o encontro com uma série de dados que, isoladamente, podem parecer insignificantes, mas que juntos, conforme observado por Cláudia, seguem a "representação da concentração de uma série de princípios e valores" (FERRAZ; ALVES, 2017, p. 6). Desse modo, as informações obtidas por meio das redes sociais foram agrupadas e analisadas. Embora, inicialmente, uma foto das duas juntas pudesse não ter significado para mim, depois de vê-las trabalhando e, em seguida, saindo juntas em uma segunda-feira, essa imagem adquiriu um novo sentido, sob um novo olhar etnográfico.

### **A informalidade do trabalho**

Em Belém, a presença de trabalhadores informais é uma constante no nosso cotidiano, refletindo a diversidade e a dinâmica econômica da cidade. Desde o momento em que caminhamos em direção à parada de ônibus e nos deparamos com um vendedor de bombons

ou passando pelas infinitas ruas do comércio, onde vendedores de completos<sup>2</sup> oferecem seus lanches, até as festas, onde ambulantes de bebidas e comidas fazem parte do cenário festivo, a informalidade está intrinsecamente ligada à vida urbana. Dentro desse contexto, as trabalhadoras ambulantes do samba batuque emergem como protagonistas de uma narrativa singular, trazendo suas particularidades e modos de operação. A organização e atuação dessas mulheres se destacam em diversos aspectos que serão aprofundados ao longo deste artigo, revelando um microcosmo de resistência e criatividade dentro do setor informal.

O setor informal, originalmente, foi delimitado sob a ótica da produção, em que a unidade de análise que fixava os limites da informalidade era o estabelecimento produtivo. A forma como as pessoas ou firmas organizavam a produção, além da sua posição relativa frente ao conjunto das atividades produtivas, era o divisor do que considerar como informal. Caracterizavam-se os estabelecimentos informais por apresentarem a organização da produção com pouco capital, com uso de técnicas pouco complexas e intensivas de trabalho e com pequeno número de trabalhadores, fossem remunerados e/ou membros da família. Além disso, tais estabelecimentos não eram alvos de política governamental, tinham dificuldade para obtenção de créditos e atuavam em mercados competitivos. (CACCIAMALI, 1982, p. 32).

A partir dessa citação, podemos analisar que o trabalho informal é uma das consequências da complexa relação entre capital e trabalho, abrindo espaço para a formação de ocupações informais como uma estratégia de sobrevivência para populações marginalizadas. No entanto, é importante ressaltar que nem todos os trabalhadores informais se encontram nessa situação por necessidade. Muitos escolhem essas ocupações informais devido à flexibilidade que proporcionam, permitindo que possam definir seus próprios horários e, em última instância, se tornarem seus próprios “chefes”. De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (2022)<sup>3</sup>, 69,6% das pessoas que trabalham por conta própria expressaram o desejo de ter algum vínculo formal com uma empresa. Contudo, 30,4% relataram preferência por permanecer na situação atual, destacando que a informalidade, para alguns, pode ser uma escolha que lhes confere uma autonomia e liberdade que o trabalho formal, muitas vezes, não oferece.

Assim, a análise do trabalho ambulante em Belém não apenas ilumina articulações econômicas na cidade, mas também revela motivações e dinâmicas sociais que permeiam a vida dessas trabalhadoras. Essa relação entre informalidade, autonomia e sobrevivência nos convida a refletir sobre a complexidade do trabalho informal e suas implicações nas vidas das mulheres ambulantes que, com criatividade e resiliência, tecem suas histórias em meio às

---

<sup>2</sup> Completos são lanches vendidos de forma conjunta, como um “combo”, suco + lance por um preço único.

<sup>3</sup> Disponível em: <[69,6% de quem trabalha por conta própria sonha com carteira assinada](#)> Acesso em: 08 out. 2024.

festividades do samba batuque. Assim, a informalidade do trabalho ambulante se revela não apenas como uma prática de sobrevivência econômica, mas também como um espaço de construção de sociabilidades e redes de afeto, onde cada transação carrega significados que vão além do valor monetário. Como Miceli (1974) observa, é no cotidiano dessas trocas que se manifesta a força simbólica das relações, criando uma economia que é tanto social quanto cultural.

### **Mulheres Ambulantes e a Noite Belenense**

Como mulher pesquisando e observando outras mulheres, eu não pude deixar de fora meus questionamentos sobre a existência e resistência das trabalhadoras ambulantes nas festas belenenses, especialmente no que tange à insegurança de ser mulher à noite. Foi uma questão que introduzi nas conversas com uma de minhas interlocutoras, Carla, de 17 anos, que ainda é estudante, mas também trabalha no Samba batuque da feira do açai. Quando perguntei sobre sua vivência trabalhando em festas sendo mulher e se já tinha passado por alguma situação desconfortável, ela respondeu: “Sim, às vezes tem uns homens salientes, mas eu evito chegar perto quando vem comprar e falo só o básico”. Demonstrando que esse tipo de situação ocorre de forma recorrente, mas que ela considera que a melhor forma para se defender é tentar manter distância e focar apenas em fazer o básico, que é vender bebida. Outra trabalhadora também afirmou que existem muitas situações difíceis no dia a dia de uma mulher ambulante, e afirmou: “a gente aprendeu a dar garrafada de vez em quando.” Isso destaca as estratégias que mulheres que estão trabalhando como ambulantes no mesmo local lidam com assédio e situações relacionadas a isso, no seu dia-a-dia de trabalho.

Trabalhadores que desempenham suas atividades na rua, como camelôs e ambulantes, estão sujeitos à exposição ao calor e ao sol, muitas vezes, sem sequer terem acesso a banheiros. São pessoas que com o tempo podem passar a sentir os impactos da atividade, como, por exemplo: dores de cabeça, desidratação, insolação e envelhecimento precoce, riscos comuns a que esses trabalhadores estão sujeitos<sup>4</sup>. Sendo assim, além da insegurança sobre ser mulher trabalhando na rua, as ambulantes noturnas também enfrentam adversidades relacionadas ao clima instável, ao que se refere às noites de Belém, que variam de uma noite estrelada a noites chuvosas.

Essa instabilidade afeta diretamente suas vidas e saúde, já que elas trabalham em ambientes abertos durante as festas. Em uma das noites no Samba Batuque que frequentei, o

---

<sup>4</sup> Ler mais em: <[À margem da proteção: informalidade impacta saúde e segurança do trabalho - CSJT2 - CSJT](#)>

clima estava instável, mudando constantemente. De repente, começou a chover. A maioria das pessoas correu para se abrigar em qualquer local coberto, inclusive eu. No entanto, ao longe, observei uma de minhas interlocutoras, Carla, no meio do chuvisco. Enquanto muitos buscavam abrigo, várias pessoas permaneciam na chuva, dançando e bebendo. Como apontado por Pollyana (2018), os trabalhadores ambulantes estão expostos à vulnerabilidade das condições climáticas adversas por estarem nas ruas. E para atender aqueles que continuavam na festa, as ambulantes, como Carla, precisavam estar lá, prontas para vender suas bebidas, mesmo sem uma cobertura adequada.

### **Jornadas de trabalho**

Além das adversidades enfrentadas como ambulantes, essas mulheres se deparam com outros tipos de responsabilidades, como os trabalhos domésticos e, muitas vezes, a necessidade de conciliar o estudo. Esse acúmulo de funções resulta em jornadas que, frequentemente, ultrapassam doze horas diárias, colocando-as sob uma carga física e mental exaustiva. Minhas duas interlocutoras, apesar de terem rotinas distintas, compartilham a luta de conciliar suas várias responsabilidades. Carla, a mais jovem, dedica-se tanto aos estudos quanto ao trabalho de ambulante. Já Vanessa, além do trabalho noturno, cuida da filha e das tarefas domésticas, demonstrando que, apesar da informalidade do trabalho, essas mulheres precisam de uma organização para manter o equilíbrio entre as múltiplas tarefas diárias.

E depois de trabalhar dez a doze horas todos os dias na rua, ao chegar a casa iniciam a árdua tarefa de lavar, passar, cozinhar, arrumar, cuidar e deixar tudo pronto para o dia seguinte. Mesmo realizando essas tarefas só aos finais de semana, antes de sair ou depois de chegar, na maioria das casas somos nós mulheres, as únicas responsáveis por realizá-las, e só conseguimos dividir com alguém quando há outra mulher (filha, mãe, irmã, sogra) para contarmos. (Cartilha Trabalhadoras Ambulantes: Vida, Trabalho e Direitos, 2012).

Essa dupla ou até tripla jornada de trabalho pesa tanto na vida profissional quanto pessoal dessas mulheres, que constantemente precisam equilibrar os desafios impostos pela informalidade do trabalho com as exigências da vida familiar e pessoal. Tal dinâmica não apenas reflete a invisibilidade do trabalho doméstico na economia formal e informal, mas também evidencia o quanto a carga mental e física imposta a essas mulheres compromete sua qualidade de vida. Angela Davis, ao discutir a sobrecarga do trabalho feminino, observa que “as mulheres são duplamente exploradas — no trabalho assalariado e no trabalho doméstico não remunerado” (2016, p. 79). Essa análise é particularmente relevante ao considerar a

realidade das trabalhadoras ambulantes, que, além do trabalho nas ruas, assumem a maior parte do cuidado do lar e dos filhos.

Apesar disso, as mulheres que trabalham no Samba Batuque da Feira do Açaí formam um coletivo que transcende as barreiras impostas pelo trabalho informal. Elas desenvolvem uma rede de apoio mútuo que vai além do ambiente profissional, fortalecendo laços de amizade e solidariedade. Essa união entre as ambulantes e o samba se tornou particularmente visível para mim quando o evento foi temporariamente realocado devido às obras para a 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP-30), que ocorrerá em novembro de 2025, em Belém do Pará.

### **Mudança de local e estratégias de resistência**

Os excluídos, organizados em suas atividades cotidianas, constroem territorialidades próprias e novas formas de relação com o espaço urbano, resistindo às imposições hegemônicas (SANTOS, 1996, p. 55).

Desde o começo, em 2019, o Samba Batuque acontece na Feira do Açaí, que integra o complexo do Ver-o-Peso. No entanto, em virtude das reformas frequentes que a cidade está passando em preparação para a COP-30, que será realizada em 2025, em Belém do Pará<sup>5</sup>, a Feira do Açaí se encontra em processo de reforma. Assim, em junho de 2024, o samba batuque foi temporariamente realocado para o Boulevard da Gastronomia, um espaço mais amplo e aberto situado na Castilhos França, no bairro da Campina, em frente à Estação das Docas. O Boulevard da Gastronomia também faz parte de um projeto relacionado à COP-30. Com essa nova localização, outros vendedores ambulantes que não pertencem ao grupo original começaram a competir por espaço.

Para compreender melhor como essa organização se dava e quais foram as mudanças é necessário descrever os locais envolvidos. Na feira do açaí, o samba ocorria em uma área menor, localizada atrás do Forte do Castelo. Ali, os vendedores ambulantes conseguiam se dispor em uma formação de roda ou barreira ao redor dos artistas, fazendo com que a principal aglomeração da festa se concentrasse em suas barraquinhas. Embora houvesse outras opções de bebidas nas proximidades, aqueles que desejavam estar próximos dos artistas ou realmente viver a festa se viam em constante contato com os ambulantes ao redor. Contudo, a mudança de local afetou um pouco a dinâmica desse evento, já que,

---

<sup>5</sup> Diversas outras obras para a realização da COP30 estão sendo realizadas em Belém e região, com investimentos de mais de R\$ 4,7 bilhões. Para mais informações, acessar: <[Obras em Belém \(PA\) seguem em ritmo acelerado para a COP30](#)>

diferentemente da feira, o Boulevard da Gastronomia é um amplo calçadão repleto de restaurantes e praças ao longo de seu percurso.

Figura 1 - Boulevard da gastronomia



Fonte: Site ponto de pauta, 2023.

Ao chegar pela primeira vez ao local, deparei-me com um corredor repleto de ambulantes distribuídos desde o início da faixa até as proximidades do palco. Fiquei surpresa ao perceber que os vendedores “oficiais” do samba batuque conseguiram se posicionar próximos ao palco. Para esclarecer minhas dúvidas sobre como conseguiram isso, conversei com uma ambulante que eu já sabia que pertencia ao samba. Ela me explicou que para se adaptar ao novo espaço, os ambulantes do samba tiveram que se organizar de maneira ainda mais eficiente do que anteriormente. Eles chegaram com seus carrinhos um dia antes, bem cedo, para assegurar que ficassem perto do palco e formassem um círculo de proteção em torno dos cantores, assim como faziam na Feira do Açaí. Apesar de não conseguirem se posicionar exatamente como desejavam, conseguiram ficar bem próximos ao palco. Essa mudança de localização gerou reações diferentes nas pessoas e nas redes sociais muitos

comemoraram a mudança de local. Entretanto, para os ambulantes do samba, essa mudança foi motivo de pensar em estratégias para se adaptar ao novo local e firmar a sua “exclusividade” como os ambulantes oficiais do samba batuque.

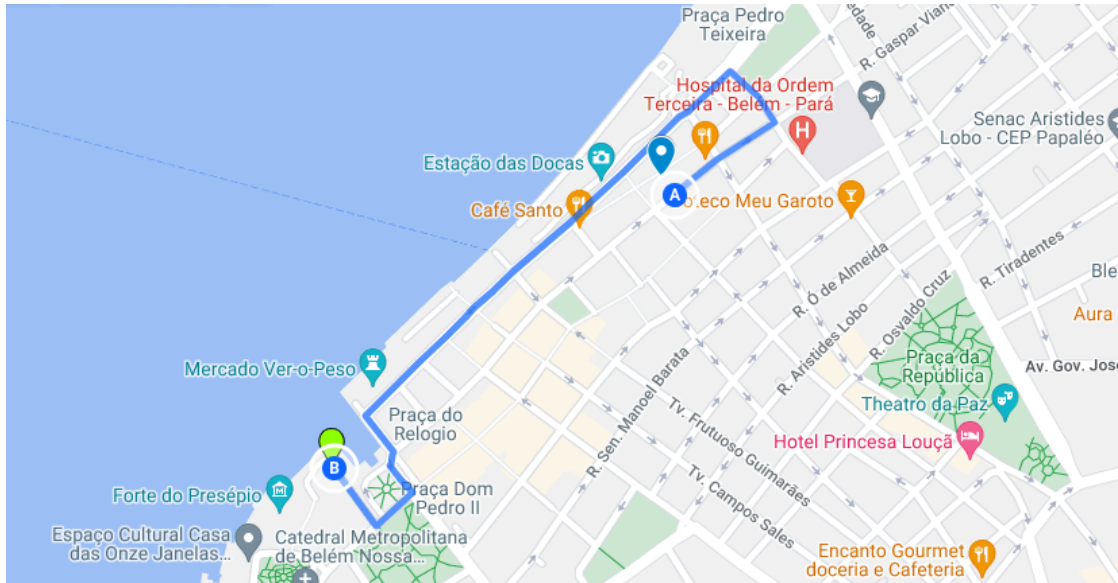
Um aspecto interessante à respeito disso é que ambos os locais estão localizados no mesmo bairro, a 1,1 km de distância, mas o contexto ao seu redor é bastante distinto. Essa diferença, de certa maneira, afeta a forma como as pessoas percebem e recebem essa mudança de local. A Feira do Açaí é um espaço de grande atividade laboral, com o descarregamento do açaí das embarcações, e seu público é, em sua maioria, composto por pessoas de classes sociais mais baixas. Por outro lado, o Boulevard da Gastronomia, situado próximo à estação das docas, é um ponto de intensa movimentação turística e atrai, em geral, visitantes de classes sociais mais elevadas.

Figura 2 - Feira do açaí



Fonte: site maquatreando, 2013

Figura 3 - Distância entre a feira do açaí e o Boulevard da gastronomia.



Fonte: google maps, 2024.

Figura 4 - Comentários do instagram



Fonte: Instagram do samba batuque da feira do açaí, 2024<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C6u1ruNN3qF/>>

## Identidade visual e marketing

Utilizando do conceito de "saber-fazer", que Michel de Certeau (1980) nos traz, o qual se refere à capacidade de indivíduos e grupos subalternos de criar estratégias e táticas para sobreviver e prosperar dentro das condições adversas da vida cotidiana, podemos observar como o samba fé no batuque e as ambulantes do samba aplicam esse conhecimento para se destacar no meio de tantos outros. A criação de camisas e copos personalizados do Samba Batuque transcende o simples ato de vender bebidas; é uma estratégia que marca território e constroi uma identidade própria e de pertencimento a esse espaço social. Essas práticas vão além da simples sobrevivência econômica, elas se conectam com a construção de laços simbólicos entre as trabalhadoras, o evento e o público, criando um senso de comunidade e exclusividade.

Ao criar esses produtos personalizados, as ambulantes exercem o que Pierre Bourdieu (1974) chama de "capital simbólico", que envolve não apenas a produção material, mas também a construção de uma imagem e de um valor social que vai além da simples transação comercial. A capacidade de gerar identificação e pertencimento por meio de itens como camisas e copos se relaciona diretamente com a formação de uma comunidade cultural, em que o consumo desses itens também carrega um significado simbólico para os frequentadores do samba.

Figura 5 - Copo personalizado



Fonte: Yasmim Rosalino, 2024.

Além disso, o Samba Batuque aproveita as novas tecnologias para ampliar sua presença, utilizando uma conta de Instagram com mais de 10 mil seguidores. Essa ferramenta

não apenas divulga o evento, mas também fortalece o engajamento do público e cria uma atmosfera que vai além do samba em si. A criação de eventos temáticos, como o "Samba do Arco-Íris", no mês do orgulho LGBT", evidencia como o grupo consegue transformar um evento cultural em uma festa diversificada, atraindo públicos específicos e potencializando sua visibilidade no mercado. De certa forma, essas práticas digitais refletem o que Milton Santos (2000) chama de "técnica informacional", em que atores marginalizados encontram maneiras de utilizar a tecnologia a seu favor, subvertendo a lógica excludente dos grandes centros urbanos e inserindo suas práticas culturais no circuito formal da comunicação.

O samba batuque, através de suas iniciativas de marketing e ocupação cultural, transformam o que, muitas vezes, é visto como uma atividade marginalizada em uma operação que demonstra sua capacidade de criar uma marca visual, mesmo que em pequena escala. Em última análise, o uso de táticas publicitárias, como a criação de produtos exclusivos e o uso das redes sociais transformam essas trabalhadoras não apenas em ambulantes, mas em pessoas que estão construindo uma economia que mistura trabalho e identidade, reforçando seu pertencimento e relevância dentro da cultura local.

Em conclusão, Milton Santos (2000) reforça essa perspectiva ao afirmar que, “a cidade é uma arena de possibilidades para os excluídos, onde as margens não são lugares fixos de submissão, mas de resistência criativa”. As ambulantes do Samba Batuque, com suas táticas de marketing e apropriação do espaço público, subvertem a lógica da exclusão, transformando o ambiente em um local de protagonismo. Elas criam não só uma economia própria, mas também uma nova forma de se integrar ao espaço urbano e cultural de Belém.

Figura 6 - Banner de divulgação



Fonte: Instagram do Samba Batuque, 2024<sup>7</sup>

### Relações e laços criados na festa

A origem do samba batuque da Feira do Açaí está intimamente ligada à união entre cantores e ambulantes. Selma, uma das protagonistas dessa história, relembra (informação verbal)<sup>8</sup> como tudo começou: "Aí eu disse, amigo, aí ele disse, oi, eu disse, prazer, o meu nome é Selma, amigo, vamos fazer o samba! Ele respondeu, 'Não, amiga, não tem como, a gente não tem o som e tal'. Eu disse, 'Olha, tá vendo aquele poste ali? O Marquinho sobe, faz o gato, eu tenho uma caixa, trago a minha caixa, a gente põe aqui no meio, uns bancos e umas cadeiras e a gente faz!'. Aí ele perguntou, 'Tu diz?', e eu respondi, 'Bora, menino, te anima!'. E assim a gente fez."

Para entender melhor essa relação é importante considerar o contexto fornecido pela própria Selma, que explica: "A Feira do Açaí começou assim, a gente ainda não conhecia eles. Tudo começou com o evento 'Fé no Batuque', lá no quiosque da feira. Um dia, o dono do quiosque não quis mais realizar o evento, mas os cantores e a banda já estavam lá, tudo montado. Aí, ele mandou o Geraldo, que era o responsável pelo Fé no Batuque, ir embora! O que a gente fez? A gente se uniu."

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C7zJgECOMXM/>>

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Selma, entrevista I. [06.2024]. Entrevistadora: Luísa Maria Silva Dantas, 2024. Arquivo.mp3.

Essa história não marca apenas o início do evento, mas também o começo das relações que se desenvolveram ao longo dos anos. Selma e os outros protagonistas se apropriaram do espaço da Feira do Açaí, reconfigurando-o para suas necessidades e criando um novo uso para o local. Como Michel de Certeau (1980) aponta, essas práticas representam as diversas maneiras pelas quais os usuários se apropriam e ressignificam espaços organizados pelas técnicas socioculturais.

Andando pela festa, notei que muitas pessoas em situação de rua circulavam próximo aos carrinhos de bebida e aos brincantes da festa, em uma rua bem ao lado. Pensei se essa situação poderia afetar positiva ou negativamente os trabalhadores de alguma forma. Quando perguntei a Carla como faziam para levar os carrinhos até o local e como era feito esse trajeto, ela contou que pagavam as pessoas em situação de rua que ficavam ali para ajudar a carregar os carrinhos até o local e, no final, também ajudavam a carregar de volta. Essa relação entre ambulantes e pessoas em situação de rua mostrou como a construção de relações se faz de maneiras tão diversas.

Henri Lefebvre, em "A Vida Cotidiana no Mundo Moderno" (1971), destaca a importância das práticas cotidianas na construção de significados e identidades. Assim refletindo como as interações diárias, como por exemplo, as relações entre ambulantes e pessoas em situação de rua, podem ditar a dinâmica social e cultural do ambiente.

Outro tipo de relação que eu percebi durante a pesquisa, e que inicialmente me passou despercebida, foi a "publicidade" desenvolvida pelas trabalhadoras para atrair e fidelizar a clientela. Os Trabalhadores ambulantes, não necessariamente apenas os noturnos, sempre estão utilizando de algum tipo de linguagem para atrair os clientes, e não é diferente quando falamos sobre as trabalhadoras ambulantes do samba batuque, essas mulheres precisam utilizar do seu conhecimento de vida e da criatividade para atrair os clientes, seja no modo de se comunicar ou no diferencial do carrinho de bebidas. Como visto por Pollyana Luz (2018), eles utilizam o recurso da criatividade, através da fala e dos gestos para despertarem a curiosidade de seus produtos para os transeuntes.

O samba da feira do açaí é organizado por um grupo específico de ambulantes que operam de maneira quase sindical, formando um grupo fechado que se comunica principalmente via *WhatsApp*. Através dessa comunicação, eles coordenam aspectos, como o preço das bebidas, garantindo que todos vendam seus produtos pelo mesmo valor, pelo menos no caso do "copão", que é um copo grande de cerveja. Mas, se os preços são iguais, o que leva os clientes a escolherem um ambulante específico? Para entender isso, investiguei as perspectivas tanto dos clientes quanto dos vendedores.

Figura 7 - Divulgação do Copão



Fonte: Yasmim Rosalino, 2024.

Em campo, perguntei aos frequentadores o que os atraía a um determinado ambulante. Mariana, de 23 anos, mencionou que a primeira coisa que chama sua atenção é se o local aceita cartão, refletindo uma preocupação prática e imediata com a acessibilidade e conveniência das transações. Já Selma, autointitulada e reconhecida como líder dos ambulantes no samba, destacou que a fidelização dos seus clientes se deve, sobretudo, à variedade de produtos que oferece, incluindo cerveja sem álcool para atender públicos diversos. Esse é um exemplo de como as relações entre vendedoras e clientes se formam e se moldam ao longo do tempo, muitas vezes, sem uma intencionalidade consciente. Essas interações ultrapassam a simples transação econômica e envolvem dimensões simbólicas e sociais que fortalecem os laços no contexto do samba.

Essa dinâmica pode ser pensada a partir de Sergio Miceli, em *A economia das trocas simbólicas* (1974), quando reflete sobre como os intercâmbios no mercado não se restringem ao campo estritamente material, mas envolvem trocas simbólicas que criam e reforçam vínculos comunitários. No caso das ambulantes do Samba da Feira do Açaí, a relação que se estabelece com os clientes vai além da compra e venda de mercadorias. A confiança e a recorrência, por exemplo, transformam a vendedora em uma referência no espaço, como é o caso de Selma, cuja presença é marcante e consolidada.

### **A rua: um espaço de negociação e trocas**

Através da análise das relações e laços formados durante o samba batuque, podemos observar como esse local fortaleceu essas mulheres, onde elas não apenas comercializam produtos, mas também estabelecem conexões sociais e criam redes de apoio. Além disso, é importante abordar a informalidade no trabalho ambulante, bem como a maneira como essas mulheres constroem suas narrativas de trabalho e resistência em um contexto que frequentemente é marginalizado. Como visto, por Eckert e Rocha (2015), os processos da vida cotidiana contemporânea, consolidando-se no plano da transmissão de memórias transgeracionais por meio da configuração de redes sociais, de vizinhança, de parentesco e suas formas de sociabilidade (ECKERT; ROCHA; 2015; p.30). Ao dialogar com essas trabalhadoras, compartilho minha perspectiva sobre as interações que testemunhei entre as ambulantes, seus clientes, outros vendedores, com o espaço público bem como a construção de imagem e fortalecimento do seu trabalho pelas redes sociais.

Como vemos na obra de Milton Santos “A informalidade pode ser entendida como uma das formas de resistência ao poder do capital monopolista e às suas exigências”(2008, p. 106). Esse trabalho que, por vezes, pode ser visto como uma desvantagem, pode também ser considerado uma forma de resistência. Para Santos, a informalidade possibilita aos trabalhadores se organizarem fora dos limites impostos pelo capital formal. E as trabalhadoras ambulantes, ao operarem dentro da informalidade, encontram formas de resistir às pressões do mercado formal e criar alternativas para seu sustento. Embora enfrentam vulnerabilidades, elas também utilizam a flexibilidade do trabalho informal para construir um espaço de autonomia.

### **A rua e a Cultura: O ambiente de trabalho das Ambulantes**

Embora não sejam vistas como as criadoras oficiais da cultura, como os artistas, sua presença e trabalho contribuem de forma integral para o ambiente cultural. O trabalho das ambulantes é uma atividade "não assinada, não legível, mas simbolizada" (Certeau, 1980). Em outras palavras, é um trabalho que não é formalmente valorizado ou apreciado no contexto da produção cultural oficial, mas seu papel é simbólico e essencial. As ambulantes tornam o ambiente mais acessível, oferecendo bebidas a preços mais baixos em comparação a outros eventos fechados, proporcionando uma experiência cultural que vai além da atração principal. A presença delas é fundamental para a criação de uma atmosfera inclusiva e vibrante, enriquecendo a vivência cultural do evento, “... a atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a

única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista” (Certeau, 1980, p. 44).

Esses trabalhadores se uniram e transformaram um local que não foi criado para eles. Mas que foi apropriado, deu-se uma nova cara e se tornou um *point* de diversão para os frequentadores e de renda mensal para os ambulantes. Essa tomada da cidade como local de trabalho é algo que vemos diariamente pelas ruas de Belém, seja andando ou de ônibus, os vendedores estão em todos os lugares, oferecendo desde água nas ruas até produtos dentro dos ônibus. Os ambulantes do Samba Batuque da Feira do Açaí tomaram as ruas da Cidade Velha como seu “escritório”.

Este enfoque nas trabalhadoras ambulantes, vendedoras de cervejas, no Samba Batuque da Feira do Açaí, pode se alinhar com a proposta de Michel de Certeau, que descreve um indivíduo que "exerce um saber-fazer onde se podem encontrar todos os traços da arte da memória" (Certeau, 1998). Ao desenvolver suas "maneiras de fazer", essas trabalhadoras constituem suas práticas por meio de técnicas provenientes da própria produção cultural, instituindo, assim, modelos de ação que as caracterizam e contribuem para a reapropriação e ressignificação de espaços da cidade. Nesse contexto, os trabalhadores ambulantes erguem um universo próprio dentro do tecido urbano, onde suas práticas e interações com o ambiente denotam uma resistência às complexidades da vida urbana. Ao transformarem ruas, praças e mercados em espaços de trabalho, esses profissionais reconfiguram a paisagem citadina, conferindo-lhe uma dinâmica e funcionalidade renovadas. Assim, não existe na cidade um “palco” montado para esses atores (Magnani, 1996). Os trabalhadores ambulantes transformam a cidade no seu próprio palco.

Os ambulantes fazem junto aos artistas essa ocupação cultural acontecer, o que me lembra uma citação de Pollyana Luz (2018) quando diz que tendencialmente há uma produção social do espaço que, ao longo desses séculos, engendra um poder público em conflito com a recorrente proliferação de trabalhadores ambulantes, que na visão burguesa dominante tumultuam a passagem dos transeuntes, além de prejudicarem a beleza da cidade ou prejudicarem os comerciantes estabelecidos. A dinâmica urbana de produção e reprodução do espaço – espaço vivido, representado e concebido - são expressas no binômio conflituoso entre trabalho ambulante e lócus ocupacional: a rua.

### **Considerações Finais**

Através desta pesquisa tive a oportunidade de enxergar essas trabalhadoras sob uma nova perspectiva e procurei traduzir as percepções e observações que tive, para que mais pessoas possam se familiarizar com um aspecto que, muitas vezes, passa despercebido. As mulheres que atuam como ambulantes nas festas constroem, a cada evento, laços entre si, com os que estão à sua volta e com o público, enquanto buscam o seu sustento, estabelecendo seu espaço de trabalho e enfrentando os desafios do dia a dia. Sua resistência não se dá da maneira convencional que costumamos ver; elas não se limitam a ir para as ruas ou a participar de manifestações (embora isso também possa ocorrer). O principal modo de resistência delas é a presença constante nas festividades belenenses, contribuindo para a diversão dos outros, fortalecendo a cultura local e transformando as ruas em seus próprios "escritórios".

As temáticas que envolvem as vendedoras ambulantes podem ser abordadas de diversas maneiras, e cada abordagem nos leva a diferentes caminhos. Se não tivermos um foco específico, corremos o risco de nos perder nas inúmeras possibilidades, o que, na verdade, é algo positivo, pois trata-se de um tema que pode ser explorado em profundidade, levando em conta recortes regionais, de gênero, raça, classe, entre outros. Este não é um assunto esgotado. Ao me aprofundar nesse universo, percebi que há muitas outras questões que precisam de atenção além das que consegui dar. Sem dúvida, alguém irá continuar essa pesquisa no futuro, explorando cada vez mais aspectos ainda desconhecidos.

## Referências

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Casa da Mulher Trabalhadora - CAMTRA. *Trabalhadoras Ambulantes: Vida, Trabalho e Direitos*. 2 ed, 2012, Rio de Janeiro. *Ambulantes 2 edição*, Disponível em <<https://camtra.org.br/wp-content/uploads/2018/10/livro-trabalhadoras-ambulantes-vida-trabalho-e-direitos.pdf>> Acesso em: 07 out. 2024

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. da. *Etnografias do Trabalho, Narrativas do Tempo*. Porto Alegre: Marcavizual, 2015.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana L. C. *Etnografia de rua*. Porto Alegre: UFRGS, 2015.  
ECKERT, Kurt Benno.

EQUIPE BRASILIANA ICONOGRÁFICA. *O comércio ambulante no Brasil*. Disponível em: <

<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20154/o-comercio-ambulante-no-brasil.>>  
Acesso em: 29 de abril de 2023.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. In: v. 12 n. 35 (2019): Aurora - revista de arte, mídia e política. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/44648>> Acesso em: 20 de agosto, 2024

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole – textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 1 - 24.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana *Revista bras. Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papius, vols I, II, III, 1994.

SILVA, Pollyana Luz M. da. Trabalho ambulante e suas faces na contemporaneidade. In: *Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, 2018, Vitória/recife. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22977>> Acesso em: 29 de abril de 2023.

SANTOS, Milton. “concepções de geografia, espaço e território.” *Geo UERJ*, vol. 2, no. 18, 2008. *MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território*.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Zahar, 1989.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Zahar, 1994.